



O CURADOR - DA ARTE À INFORMAÇÃO

Ana Catarina da Silva Graça

Ana Júlia Coelho

Ana Sofia Miquelino

Cecília Barbeitos

Pedro Calado

Resumo: Partindo do conceito de curador e da atividade da curadoria, é estabelecida uma comparação entre dois diferentes papéis: o curador de arte e o curador de informação, unidos na profissão pelo desempenho de tarefas similares em diferentes âmbitos de aplicação. O curador de arte, pela sua consolidação, abre caminho ao segundo, curador de informação, e este novo papel e profissão ganha espaço e se estabelece aos poucos na sociedade dos nossos dias, abrindo novas questões de investigação que interessam para a área das ciências sociais, nomeadamente na sociologia das profissões, nas humanidades e ciência da informação.

Palavras-chave: Curadoria. Curador de Arte. Curador de Informação.

CURADOR

O que é o curador? Esta foi a primeira pergunta que nos fizemos e, queríamos encontrar uma definição dentro do âmbito das áreas culturais. Isto porque sabemos que a palavra curador está na sua origem intimamente relacionada ao direito, à administração de bens e é destas áreas que o seu significado primordial é disseminado para outros âmbitos. Para os romanos o curador era alguém a quem era incumbida a curatela (tutela) ou seja se confiava ao curador bens e serviços que não lhe pertenciam e, este tinha como função velar pelo que lhe era atribuído.

A palavra curador²⁷ deriva do latim *cūra* que significa cuidado, diligência, administração e, de *cūrātor* que se define como “aquele que tem cuidado”, comissário, tutor (s/a, 2001, p. 195). Se relaciona, ainda, com o conceito de ser curioso (*curiositas*), no sentido de “cuidar” ou de ter grande desejo de ver/aprender/saber, se interessar pela pintura, escultura, gravura, música (e outros) (RODRIGUES, 1875, p. 131).

CURADOR DE ARTE

No que refere à profissão de Curador de Arte parece existir alguma discussão ou sobreposição com outros conceitos. Existem autores (PRETO, 2015, p. 36) que

²⁷ Continuámos a nossa pesquisa de forma mais elementar possível, procurámos em dicionários e enciclopédias de Língua Portuguesa o significado do mesmo término. Aquilo com que nos deparámos foi a ausência quase total do que hoje compreendemos como a profissão de curador ligada às artes e à cultura. Esta carência de fontes alerta sobre a necessidade de definir, divulgar e consolidar a profissão/papel de Curador, quer de arte, quer de informação.



distinguem a acção do Curador, Conservador e Comissário através de o estabelecimento de diferentes funções (exemplo especialistas em museografia e curadores-avaliadores); pelo objectivo (curador como aquele que produz o próprio projecto e, comissário como aquele que responde a uma encomenda) e pelas diferentes influências linguísticas, ora a anglo-saxónica, ora a latina.

Não obstante a isto, o que pretendemos é agregar informação e firmar conceitos, neste sentido o autor Carlos Alcobia (2012, p. 26) compreende o conceito de curador como variável perante o contexto, mas distinguindo duas capacidades adscritas: decisor e mediador. A primeira se refere à tomada de decisões e posicionamento e a segunda à necessidade de criação de narrativas/discurso/diálogos improváveis.

O papel do curador para além de estar relacionado com os verbos e capacidades descritas, é pela ação - a curadoria - que melhor se define. A. R. Marmo, N.C. Lamas (2013) acreditam que a atividade da curadoria tem vindo nos últimos anos a entrar em conflito com o papel do próprio artista, porque a primeira ganha espaço ao segundo e, muitas vezes o ultrapassa. A atividade de curadoria e a atividade artística se tornaram próximas, podendo a curadoria ser vista de dois diferentes modos: como resultado dependente do artista ou como proposta independente de curadoria. A atividade nos dois casos atuará no sentido de divulgação da arte na sociedade, que o consegue através do destaque e atribuição de novas perspetivas às exposições, as tornando mais próximas do público. Também Carlos Alcobia (2012, p. 40) nos transmite que a origem dos conflitos entre curador e artista se encontra na diluição dos limites entre ambos e pela disputa da esfera artística, bem como do poder que dela emana.

Por outro lado Hans Ulrich Obrist em entrevista ao *The Guardian* (JEFFRIES; GROVES, 2014) nos diz que o curador e o artista devem trabalhar em simbiose, se inspirando e se desafiando mutuamente, mas tendo sempre em linha de conta que o primeiro não se pode sujeitar à visão do segundo. O entrevistado afasta a ideia da curadoria como uma atividade em que necessariamente existe uma “ótima arte” disposta no seu melhor, defendendo que o objetivo fundamental é elaborar uma excelente exposição. E, esta pode existir ou não independentemente da qualidade/valor da obra artística, bem como da forma como se mostra. Compreendemos aqui que Hans Ulrich Obrist considera que curadoria não é apenas, o que se expõe, como se expõe, mas é o resultado final de um conjunto de atividades desempenhadas pelo curador: preservar, seleccionar e estabelecer ligações à história.

Para além disso, tendo em conta os vários autores podemos descrever a relação entre a atividade do artista e do curador como um diálogo em que a atividade curatorial abre caminho à criação artística e a obra do artista evolui no sentido de criar espaço à curadoria (VENTZISLAVOV, 2014, p. 84). Se estabelece, por isso, uma relação recíproca de coexistência em detrimento do confronto.

Ana Pereira (2014, p. 39-40) nos diz que o objeto de curadoria contemporânea é extenso e atravessa os tempos (podendo pertencer ao passado, presente e futuro) sem que limite a atividade do curador. Compreendemos neste texto que o objeto de curadoria como fruto de obra artística é em si mesmo objeto artístico ou de conotação artística (PÓLO, 2004, p. 25).



A mesma ideia deve ser tomada em linha de conta para o contexto físico em que se inserem as obras. O Museu como exemplo de espaço em que a atividade do curador se pode desenvolver é ao contrário do passado, entendido nos dias de hoje como um local dinâmico (SCHUBERT, 2002, p. 15) e pluridisciplinar. Se encontra claramente em mudança, deixando de existir como mero espaço expositivo, em que o efeito pretendido sobre o espetador era o de contemplação, sem diálogo e questionamento, à semelhança do que era compreendido na estética do barroco²⁸.

Atualmente, o mundo da arte cresce de uma forma exponencial, com a abertura de novos museus, exposições, e bienais. Assim sendo, ao analisarmos o papel do curador na sociedade actual, que tem como prioridade promover uma política cultural coerente e sustentável (GOVERNO CONSTITUCIONAL XXI, 2015, p.199), é importante compreender o âmbito da ação do curador, sendo por isso determinante identificar e discutir duas questões primordiais: a sua capacidade de decisão, que se deve em grande medida pela legitimidade e habilidade que este possui em tomar posições e decisões; e a sua capacidade de mediação, pois como foi referido anteriormente, o curador tem reforçado o seu papel de mediador nas mais diversas ligações (ALCOBIA, 2012, p.26), nomeadamente na “teoria da comunicação que se traduz na exposição; os artistas/emissores, a arte/mensagem e o público/receptor” (ALEGRIA, 2014, p.16).

Por esta razão, o curador passa a ser um intermediário, tanto na criação do conceito, como na produção e mediação das exposições, sendo por este motivo visto como o criador. O curador pode, e deve, contribuir para a resolução destes dilemas, no entanto, necessita de compreender as dinâmicas inerentes dos seus próprios problemas, ou seja, “para que esteja disposto a questionar o seu próprio papel, o curador tem primeiro de estar disposto a questionar-se” (ALCOBIA, 2012, pp.88-89).

Se durante as décadas de 60, 70 e 80, as práticas da curadoria se centravam quase em exclusivo na exposição da obra do artista, agora valoriza e inclui todo o contexto que envolve a organização da exposição, e considera o olhar do público, dos críticos, das galerias, entre outros, como recetores fundamentais do processo curatorial (ALEGRIA, 2014, p.18). De acordo com um dos grandes curadores da atualidade, Hans Ulrich Obrist, o curador é um “junction-making” entre objetos, entre pessoas, e entre pessoas e objetos (MAX, 2014). Defende igualmente que um bom curador tem de ser um bom líder, pois tem que entender as necessidades, cumprir, e desafiar. No entanto, uma das funções primordiais do curador é obter a resposta, pois o pior que pode acontecer é montar uma exposição que não seja relevante (JEFFRIES; GROVES, 2014).

Por esta razão, o curador, tem de ser capaz de produzir diversas formas de relação do conhecimento, interligando a cultura, a história e a prática artística, e sendo um criador independente, tem de procurar oportunidades e colaborações com as várias instituições e artistas, lhes apresentando projetos curatoriais (ALEGRIA, 2014, pp.19-20). Estes projetos passam, geralmente, por seis grandes etapas: a seleção do artista (ou artistas), o desenvolvimento da proposta, o financiamento, a criação de um acordo/contrato, a produção/montagem, e finalmente, a publicitação e a documentação, como por exemplo

²⁸ A arte elevada ao extremo, através do movimento, dos jogos de luzes, o gosto pelo teatral (etc) exacerbavam os sentidos do espetador, o conduzindo ao deslumbre, cativando multidões ao mesmo tempo que sem questionamento propagavam a fé católica e os seus dogmas.



as folhas de sala e/ou o catálogo (ALEGRIA, 2014, pp.21-27). Após a montagem da exposição, e da sua inauguração, o curador tem de assegurar a manutenção da exposição, e posteriormente a sua desmontagem. Já Obrist, considera que o curador tem quatro funções primordiais, sendo a primeira a preservação, pois para este, o curador de arte é uma parte fundamental da herança de uma nação (OBRIST, 2014); a segunda, a seleção dos novos trabalhos, contribuindo desta forma para o crescimento do espólio do museu, pois uma das funções do curador é encontrar, adquirir, organizar e armazenar, ou seja, é um método de produção do conhecimento (PRETO, 2015, p.42); a terceira é contribuir para a História da Arte; e finalmente, disponibilizar, planejar, e realizar exposições, sendo esta a função que mais tem contribuído para a função prática da curadoria e do curador (PRETO, 2015, p.43).

Cada curador tem uma abordagem única, pelas suas metodologias, mecanismos ou regras, se destacando no seu trabalho. Mas o que faz realmente um bom curador é a paixão, a curiosidade e a inteligência (JEFFRIES; GROVES, 2014).

As suas funções são múltiplas e nenhuma deve ser negligenciada, pois todas são extremamente importantes, e é através desse equilíbrio que resulta um bom projecto curatorial, como também a sua marca autoral (ALEGRIA, 2014, p.28). É importante realçar que o curador também beneficia de uma posição na produção artística, e consequentemente na economia cultural, por esta razão, a arte deixa de se centrar meramente na autoria artística, para compreender e valorizar o papel desempenhado pelo curador, sendo este visto como o autor das suas exposições.

Anteriormente, o curador era uma figura de poder, mas sempre associado a uma grande instituição. O seu trabalho era selecionar as obras, produzir catálogos e ensaios, criar e manter uma colecção. O curador tem a capacidade de organizar exposições em “espaços institucionais museológicos (museus, palácios, fundações), institucionais não museológicos (galerias de bancos, salas de ministérios, universidades), comerciais (galerias, cafés, restaurantes, feiras), exteriores de acesso público (praças, ruas, jardins), alternativos não dedicados à prática expositiva (armazéns, silos, estações) ou espaços de intervenção e espaços virtuais” (PRETO, 2015, p.45). Contudo, se este trabalho era menosprezado pelo público e/ou pelos artistas, porque era considerado trabalho de “bastidor”, agora o papel do curador é reconhecido, embora deva sempre destacar e dar visibilidade ao artista com quem trabalha (ALEGRIA, 2014, p.30).

Como foi referido, o curador é um dos principais responsáveis por selecionar um instrumento de diálogo entre culturas, e de acordo com o Papa, que falou pela primeira vez de arte em detalhe na edição do jornal do Vaticano (6 de Dezembro de 2015), “os museus devem acolher as novas formas de arte” e tem que proteger o passado “para o contar aos homens de hoje” (MARTINS, 2015).

CURADOR DA INFORMAÇÃO

Se existe a necessidade de proteger o passado para contar aos homens de hoje as novas formas de arte, também não devemos descurar outros instrumentos de diálogo entre culturas: especificamente a informação.



Atualmente estamos a vivenciar uma mudança de paradigma na informação em que o acesso cada vez mais generalizado à Web, pelo uso disseminado do digital, faz proliferar a informação de forma mais célere, trazendo novas dificuldades para gerações futuras, no acesso e credibilidade.

Toda esta produção e proliferação da informação ao mesmo tempo que é positiva, pela democratização da informação, pode ser também inconveniente devido à crescente dificuldade de acesso a essa informação de maneira rápida e segura (BLANCO, 2014, p. 84). Se torna cada vez mais exigente identificar a verdade da mentira, por forma a evitar que se ignorem vários conteúdos úteis e pertinentes por falta de tempo (BLANCO, 2014, p. 84). Por isso, surgem assim questões relacionadas à identificação e à localização da informação atualizada sobre um determinado tema, pessoa ou situação. Como identificar a informação mais importante relativa a um determinado acontecimento mas que está a ser tratada em diferentes plataformas, como redes sociais, blogs, portais informativos, etc. (BLANCO, 2014, p. 84).

Com este novo paradigma informacional surge um problema novo com a gestão de dados de pesquisa num mundo digital interligado por redes de computadores, onde há um fluxo intenso de dados, proveniente de diferentes fontes – sendo gerados, processados e compartilhados em ambientes multidisciplinares (SAYÃO; SALES 2012, p.181), apelando a um maior investimento na criação, desenvolvimento, e manutenção dos mesmos através da integração inovadora de processos curatoriais, gerenciais e institucionais tanto a nível público como privado (N.S.B, 2005).

Com esta evolução tecnológica há também uma rápida obsolescência dos documentos digitais produzidos em tecnologias anteriores ficando inacessíveis ou de difícil acesso. Da mesma maneira temos uma grande dependência do hardware e software, bem como a outros instrumentos, métricas e escalas, que aumentaram exponencialmente a capacidade de obtenção de dados pela realização de observações e medições de fenómenos, somados às informações geradas artificialmente por simulações (SAYÃO; SALES, 2012, p.181), sendo crucial garantir o acesso e a preservação dos conteúdos armazenados dos documentos digitais a longo prazo (YAMAOKA, 2012, pp.65-70).

É neste contexto que surge o conceito de curadoria de informação, de conteúdo, de conhecimento, de dados. O termo curadoria está ligado a curar, zelar, vigiar algo, este conceito estava inicialmente relacionado ao Direito e às Ordens Monásticas. Com a evolução, o termo passa a estar relacionado ao campo das artes, dos museus e dos respetivos acervos. Este conceito foi alargando para o contexto social se referindo às atividades de seleção, organização, apresentação e partilha da informação. Poderá também ser visto como um mediador, um especialista que executa conexões entre grupos, públicos e pessoas (CORREIA e BERTOCCHI, 2012, pp.2-14).

Um perfil profissional está sujeito às influências envolventes, o que faz com que as suas funções profissionais se modifiquem de forma a acompanhar as alterações que ocorrem na sociedade. Desta forma são necessárias novas competências e atitudes. Podem assim ocorrer mudanças nas funções de uma profissão ou surgirem mesmo novas profissões. A curadoria não se limita a um único nicho de profissionais, encontramos curadores entre profissionais da área de Comunicação Social, Biblioteconomia, Ciências da Informação, Ciências Humanas e outras diversas áreas do conhecimento.



O curador da informação surge neste contexto, podendo ser denominado como curador de informação digital, ou curador de conteúdos. Este é um profissional que faz a gestão de conteúdos, que tem conhecimentos multidisciplinares, mas que é essencialmente conhecedor de técnicas de tratamento documental que lhe permitem fazer face a novos desafios provenientes da quantidade de informação produzida. O papel do curador de conteúdos oferece contexto e percursos alternativos ao utilizador, de modo a valorizar as informações por ele trabalhadas e disponibilizadas. Tem como objetivo salvaguardar os objetos digitais possibilitando o acesso e reuso em todo o seu ciclo de vida. O retorno deste valor despendido é a partilha de dados, reduzindo a duplicação de esforços na criação destes e os tornando disponíveis para a obtenção de novos conhecimentos. É muito importante em ambiente científico o reuso para que no futuro os dados possam ser reanalisados dentro de novos contextos. O principal desafio da curadoria digital de dados científicos, cujo objetivo primordial é preservar, é a capacidade de transmitir conhecimento para uso futuro (SAYÃO; SALES 2012, pp.179-189).

A curadoria de conteúdos não vai repetir informação mas sim reinterpretar, contar de novo, adicionar valor ao conteúdo, o tornando mais apelativo. Com valor acrescentado, confiável e enfoque quer nos utilizadores atuais como futuros.

A curadoria digital como área emergente, envolve múltiplas disciplinas como diversos géneros de profissionais, une tecnologias e boas práticas desde o arquivamento, como preservação digital, repositórios digitais e a gestão de dados. Podem contribuir para esta área as bibliotecas e os arquivos com a sua experiência em patrimónios etéreos com repositórios e arquivos digitais, integridade e autenticidade de materiais digitais, imprescindíveis na gestão de coleção de dados.

Se pode afirmar que o curador da informação é nesta perspetiva um consultor que presta os seus serviços gerindo as informações mais relevantes sobre determinado setor de atividade. Proporciona ao público a sua visão sobre o tema incentivando ao debate. O objetivo da curadoria é ordenar e apresentar a informação publicada por múltiplos produtores, para que o utilizador forme critérios com o melhor da rede. O produto final será um compêndio que reúna toda a informação importante relacionada com um determinado tema, seja proveniente qualquer fonte de informação, que em todos os casos deverá respeitar, citar e vincular as autorias (BLANCO, 2014, p. 84).

Podemos agora rever algumas das tarefas dos curadores de informação e comparar com as tarefas do curador de arte (ver TABELA 1). O curador de informação não tem como tarefa a simples seleção de conteúdos digitais, tal com o curador de arte também não coleciona só artefatos. Ambos consideram o valor educacional, a proveniência e se a informação é digna, antes de decidir como melhor exibir esse artefato, ou documento. Ambos selecionam, avaliam, classificam, organizam, partilham, asseguram a proteção e preservação de conteúdos de arquivo/artefatos, ou seja, de registos e documentos de valor histórico (CANNON 2015, pp 58-59). Os dois selecionam, organizam e partilham o melhor e mais relevante conteúdo de um assunto específico, dando sentido a todo o conteúdo criado por outros.

TABELA 1 – SEMELHANÇAS DAS TAREFAS

CURADOR DE INFORMAÇÃO	CURADOR DE ARTE
Localizar/Identificar	Localizar/Identificar
Avaliar	Avaliar
Selecionar	Selecionar
Classificar	Adquirir
Organizar	Organizar – Desenvolve a proposta, o financiamento, cria o acordo/contrato, responsável pela produção/montagem, pela publicitação e a documentação, e pela manutenção da exposição
Preservar	Preservar
Mediar	Mediar
Difundir	Difundir
Reaproveitar	Reaproveitar
Reutilizar	Reutilizar
Contribuir para a Sociedade de Informação	Contribuir para a História da Arte

A PROFISSÃO E O PAPEL DO CURADOR DA INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE ATUAL

No contexto atual de grandes mudanças, emergem novos papéis e responsabilidades críticas para a gestão de conjuntos de dados de pesquisa, como cientistas de dados (da área da computação ou cientistas da informação), engenheiros de software e de base de dados, especialistas em disciplinas, etc. apesar de não ser ainda uma carreira de reconhecimento e contornos bem definidos, sendo fundamentais para um diálogo saudável entre todos os stakeholders envolvidos (SAYÃO; SALES, 2012, p.182).

Com a curadoria da informação se pode traçar uma linhagem de diversificados projectos de eScience em várias etapas, como a captura de dados, processamento, modelagem e interpretação, sendo extremamente importante atualmente para muitas comunidades académicas principalmente na gestão e acesso continuado a uma volumosa miríade de documentos físicos e digitais (SAYÃO; SALES, 2012, p.183).

Este ainda é um problema de solução distante, visto que muitos dos dados que são crescentemente produzidos e armazenados em repositórios de dados confiáveis e gerenciados sob os princípios da curadoria digital são preservados e mantêm a sua capacidade de reuso (com elevados custos) – e por vezes irremediavelmente perdidos, pois ainda são poucas as instituições engajadas no processo de conversão para dados digitais e/ou ainda não estabeleceram práticas ou garantiram os fluxos de recursos que assegurem a gestão eficaz nesses dados, resultando no lema de “encontrar, acessar e reusar dados” (SAYÃO; SALES, 2012, p.183).



A curadoria digital emerge como uma “nova área de práticas e de pesquisa de espectro amplo de diálogo multidisciplinar e muitos gêneros de profissionais, unindo tecnologias e boas práticas de arquivo, preservação digital e dos repositórios digitais confiáveis com a gestão dos dados científicos” que origina uma “nova área de pesquisa com um elevado espectro de desdobramentos orientados por uma abordagem multidisciplinar que se renova quotidianamente” – sendo ainda imprevisível e tendo algumas lacunas práticas e teóricas a serem equacionadas em face de problemas e desafios com experiências na gestão de patrimónios intangíveis (SAYÃO; SALES, 2012, p.183).

No que concerne ao estudo das profissões, a sociologia se tem dedicado há várias décadas na conceptualização de diversas abordagens teóricas: desde a conceção de Max Weber quanto à definição profissional fundada nos critérios de especialização e de competência específica ou de Durkheim (radicada na pertença a associações profissionais ou corporativas), onde a atividade que adquire o rótulo de “profissão” representaria uma vantagem relativamente a outras “ocupações” (ESPECIAL, 2012, pp. 52-54; GONÇALVES, 2007).

De acordo com Howard Becker “os profissionais ganham mais do que os trabalhadores comuns, reúnem respeitabilidade, estima e autonomia superiores na execução dos seus trabalhos”, apesar da discórdia presente na aferição e critérios que consideram uma dada atividade como profissão (ESPECIAL, 2012, p. 52).

O enquadramento e análise sociológica das profissões e das ocupações em geral é um importante instrumento para a leitura cientificamente fundamentada da miríade de recomposições sociais, económicas e culturais que atravessam o mundo do trabalho nas sociedades globalizadas actuais (GONÇALVES, 2007, p. 177), sendo a sua contextualização consolidada através da reconstrução continuada de quadros teórico-metodológicos sobre o fenómeno profissional (permeado de convergências, clivagens e pontos de serendipidade, resultado da evolução histórica dos modelos económicos, da sociedade civil e académica), para além do incremento de investigações e formulações teóricas (GONÇALVES, 2007, p. 178). A partir da breve cartografia bibliográfica feita pelo mesmo autor surgem elementos comuns em diversas obras, como a divisão em fases do percurso histórico, a delimitação de fases com fronteiras temporais não traçadas em definitivo – resultado das profissões e ocupações serem constantes (re)construções sociais da realidade (GONÇALVES, 2007, p. 177).

Para que a atividade curatorial/artística seja entendida como profissão foi necessário ultrapassar obstáculos, como a ideia de que o tempo de criação não se integra no tempo social de trabalho; a conceção da arte à margem do mercado de trabalho; o afastamento do ideal-tipo de profissão (ESPECIAL, 2012, p. 54).

É então preferível a conceção de grupo profissional, um “conjunto de trabalhadores que exercem uma atividade sob um nome comum e à qual se consagra uma visibilidade social, beneficiando de uma identificação e de reconhecimento, ocupando um lugar diferenciado na divisão social do trabalho caracterizada por uma legitimidade simbólica”, pois permite contornar os obstáculos motivados pela divergência das conceções sociológicas relativas à classificação de profissão e alargar o espectro de análise tradicionalmente adstrito às profissões liberais ou regulamentadas – conjuntos vagos

sujeitos a mudanças contínuas e caracterizadas pelos seus contornos evolutivos e heterogeneidade interna (ESPECIAL, 2012, p. 52-55).

Os elementos do «grupo profissional» não beneficiam necessariamente de um reconhecimento jurídico, mas sim de fato (“partilhado e simbolizado pelo seu nome, que os diferencia face a outras atividades profissionais”), paralelo à ausência de regulamentação e de codificações formais, não sendo conjuntos protegidos, fechados ou codificados, ocorrendo internamente processos evolutivos que os tornam conjuntos vulneráveis, abertos e instáveis, onde a investigação sobre os mesmos se faz sobretudo através da “exploração das dinâmicas profissionais como os processos de emergência, diferenciação e autonomia das atividades profissionais, movimentos ambíguos e contraditórios” (ESPECIAL, 2012, pp. 54-55).

Quanto à curadoria enquanto “profissão” se denota uma

decrecente expansão do número de lugares disponíveis possibilitados por fundos dedicados à cultura, destinados à intensificação de práticas culturais; à crise correlacionada, motivada pelo alargamento dos critérios de recrutamento e da abertura das vias de acesso à profissão (diploma universitário, além da formação tradicional; à multiplicação e diversificação de instituições); à divisão social do trabalho explanada por Durkheim, com a crescente especialização de tarefas atribuídas às várias categorias de curador, paralelamente às tentativas de homogeneização da profissão através da organização de encontros e de eventos públicos, bem como das reivindicações de melhores salários e estatutos (ESPECIAL, 2012, pp. 54-55),

resultando no aumento institucional dos lugares nos museus públicos ou privados, a formalização e uniformização do recrutamento e dos critérios de competência e a emergência de uma regulação ética profissional nos códigos deontológicos formalizados e autocontrolados pelas próprias entidades (ESPECIAL, 2012, pp. 54-55).

A esfera da sociologia das profissões é característica da alta modernidade e da sociedade de risco de Ulrich Beck – destacando a atitude calculadora e reflexiva, para além dos riscos e perigos inusitados emergentes resultantes da atividade humana, particularmente ligada ao desenvolvimento científico-tecnológico e às possibilidades abertas de acção que no quotidiano se oferecem aos seres humanos, sempre sujeitas a contingências (NUNES, p. 2).

Considerando a curadoria uma “atividade (para)artística” – possuindo uma dinâmica e lógica próprias de (inter)ação quotidiano, envolvendo conflitos e consensos em prol da sua própria manutenção e permanência, através de processos de legitimação que orientam os contextos e movimentos artísticos – é passível de ser analisada e (re)construída socialmente à luz da sociologia das profissões artísticas (ESPECIAL, 2012, p. 11), na atualidade, resultado da crescente mistura de papéis curatoriais, se pode falar em curador de museu, de biblioteca, de arquivo, digital, de arte, independente, curador-autor, artista-curador, entre outros, mediante determinadas especificidades da actuação vão ganhando um rótulo, num trade-off entre valorização e rotulação (ESPECIAL, 2012; MARMO; LAMAS, 2013; SAYÃO; SALES, 2011).

Quanto aos curadores como grupo profissional contemporâneo ainda existe necessidade de explorar mais profundamente o seu papel, responsabilidades, educação e



formação, as sucessivas transformações no seu entendimento, as suas vidas profissionais, dilemas, debates, dinâmicas, ambivalências, indefinições, tensões e incertezas face à atividade curatorial, dado que variam institucionalmente, culturalmente e geograficamente (ESPECIAL, 2012, pp. 103-105; CLOUGH, 2013, pp. 29-32).

Isto pode ser conseguido através de um roteiro geracional que discuta perfis e competências deste grupo profissional no mercado de trabalho, continuidades, inovações e rupturas através dos seus protagonistas, discursos, projectos e contextos, apontando igualmente novas coordenadas para esta nova década. Esta renovação geracional dos curadores luta por encontrar espaço para os seus projectos, mas sobretudo pelo afirmar da sua legitimação. Esta geração procurar adquirir contornos transdisciplinares, diluindo antigas fronteiras, e contribuindo para uma abertura geral do campo das artes (ESPECIAL, 2012, pp. 103-105; CLOUGH, 2013, pp. 29-32).

As novas gerações de curadores emergem num quadro marcado pela necessidade de autosustentação, estratégias eficazes para assegurar a sobrevivência dos projetos e ao mesmo tempo ampliar os conhecimentos e formação profissional. Neste momento as perguntas que se impõem, se relacionam com o fato da curadoria da informação ser uma atividade emergente, e em consequência o papel do curador de informação se encontrar em disseminação. Se trata de uma questão de construir uma identidade, e estabelecer limites concetuais, identificar tarefas e funções. Estes novos fatores, como o surgimento de ambientes híbridos (físicos e digitais), a crescente velocidade de circulação de grandes volumes de dados e sua partilha através da internet, novas políticas (governamentais e institucionais), e outros motivos impulsionam este novo papel. Se trata agora de pensar e refletir sobre as respostas às principais questões:

- 1 - O que diferencia os curadores de informação dos restantes profissionais da informação (arquivistas, bibliotecários e documentalistas)?
- 2 - Terá este papel força suficiente para se estabelecer no mercado profissional?
- 3 – Será que há consciência social da necessidade deste novo papel?

REFERÊNCIAS

ALCOBIA, Carlos. O dilema do curador: entre consenso e conflito, o agonismo e a sua importância dentro da prática curatorial. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/7463>. Acesso em 29 out. 2015

ALEGRIA, Tânia Sofia Rodrigues. O papel da curadoria como difusora da arte contemporânea. Açores: Universidade dos Açores, 2014

BLANCO, Luis Ernesto. “Curaduría de contenidos: el exceso de información es un mal curable” in Debates Iesa, vol. XIX, n.º 2, abril-junho 2014.

CANNON, San. Content curation for research: a framework for building a “data museum” in International Journal of Digital Curation, vol. X, 2015. Disponível em <http://www.ijdc.net/index.php/ijdc/article/view/10.2.58/408>. Acedido em: 21 nov 2015.

CÊSAR JÚNIOR, Roberto Marcondes. O quarto paradigma: descobertas científicas na era da e-science. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

CLOUGH, G. Wayne. Best of Both Worlds: Museums, Libraries and Archives in the Digital Age. The Smithsonian Institution. 2013.

SILVA GRAÇA, Ana Catarina; COELHO, Ana Júlia; MIQUELINO, Ana Sofia; BARBEITOS, Cecília; CALADO, Pedro. O curador- da arte à informação. Revista Científica Ciência em Curso. R. cient. ci. em curso, Palhoça, SC, v. 5, n. 1, p.67-78, jan./jun. 2016.

CORRÊIA, Elizabeth Saad e BERTOCCHI, Daniela. O algoritmo curador – O papel do comunicador num cenário de curadoria algorítmica de informação. Lisboa: FCSH-UNL, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/12212> Acesso em: nov. 2015;

Dicionário de latim-português. Porto : Porto Editora, 2001

ESPECIAL, Ana Luísa (2012), Os curadores em exposição: um grupo profissional no mundo da arte contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2012.

GONÇALVES, Carlos Manuel. “Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento” in Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007 .

JEFFRIES, Stuart; GROVES, Nancy. “Hans Ulrich Obrist: the art of Curation” in The Guardian, 23 de Março, 2014. Disponível em: <http://www.theguardian.com/artanddesign/2014/mar/23/hans-ulrich-obrist-artcurator>, Acesso em: nov., 2015;

MARCHART, O. “The curatorial function - organizing the exposition” in On Curating. Zurique, nº 9, 2011. Disponível em: http://oncurating-journal.de/files/oc/dateverwaltung/old%20Issues/ONCURATING_Issue9.pdf. Acesso em: 28 out.2015

MARINCOLA, P. Curating Now: Imaginative practice / Public responsibility. Philadelphia: Exhibitions Initiative, 2001. Disponível em: <http://www.pcah.us/media/files/652ca7ca77443f1a9e4750319ceea977.pdf>. Acesso em: 29 out. 2015

MARMO, A. R.; LAMAS, N. C. “O curador e a curadoria” in Revista Científica Ciência em Curso. Palhoça: SC, jan./jun. 2013. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/ciencia_curso/article/view/1550/1172. Acesso em: 27 out. 2015

NATIONAL SCIENCE BOARD. Long-lived digital data collections: enabling research and education in the 21st century. National Science Foundation, 2005.

NUNES, João Sedas. Modernidade, «crise» e formação profissional. s/l: s/d.

PEREIRA, Ana. Mapeamento da Arte na Rede. Lisboa: FCSH-UNL, 2014. Disponível em: <http://run.unl.pt/handle/10362/12212>. Acesso em: 27 out. 2015.

PÓLO, Maria Violeta. “Obra e espaço nas exposições de arte” in MEDEIROS, Maria Beatriz de (org.). Arte em pesquisa: especificidades, vol. 1. Brasília: Universidade de Brasília, Pós-graduação em Arte, 2004.

PRETO, Ana Carolina Drumond Borges Rolão. Curadoria no século XXI: Museus, Galerias e Espaços alternativos. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/17797/1/ANA%20CAROLINA%20PRETO.pdf>. Acesso em: 29 out. 2015.

RODRIGUES, Francisco de Assis. Dicionário técnico e histórico de pintura, escultura, arquitectura e gravura. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875. Disponível em <http://purl.pt/977> Acesso em: nov., 2015.

SAYÃO, Luís Fernando e SALES, Luana Farias. Curadoria digital: um novo patamar para a preservação de dados digitais de pesquisa. Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.22, n.3, p. 179-191, set./dez. 2012. Disponível em <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/12224>. Acesso em: 14 nov.2015.

SCHUBERT, Karsten. The curator's egg : the evolution of the museum concept from the French Revolution to the present day. London : One-Off Press, imp. 2002;

VENTZISLAVOV, Rossen. “Idle Arts: Reconsidering the Curator” in The journal of Aesthetics and art criticism, 72:1 , Inverno, 2014.

YAMAOKA, Eloi Juniti. Ontologia para mapeamento da dependência tecnológica de objetos digitais no contexto da curadoria e preservação digital. Curitiba, v. 1, n. 2, jan./dez., 2012. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/atoz>. Acesso em: 21 nov. 2015

Abstract: *Starting from the concept of curator and curatorial activity is established a comparison between two different roles: art curator and information curator. Both roles have similar tasks in different fields. The art curator is a consolidated role, which opens the way to information curator. This new role and profession gets space and settles slowly in our society, researching questions in social sciences, namely in professional sociology, in humanities, and in information science.*

Keywords: *Curator. Art Curator. Information Curator.*